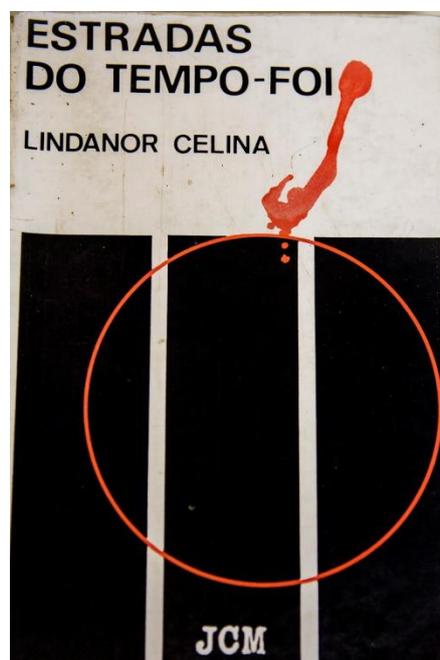


# REVISTA SENTIDOS DA CULTURA



*Estradas do Tempo-Foi*<sup>1</sup> – prêmio especial Walmap de 1969 – cujo título primitivo era *Aquelas Moças do Santo Amaro* (prêmio Samuel Mac Dowell do Estado do Pará), é segundo romance da escritora Lindanor Celina que, assim, parece ter escolhido seu gênero literário – a ficção. Seu primeiro romance publicado, *Menina que Vem de Itaiara*, já demonstrava suas reais qualidades de ficcionista, embora, às vezes, ainda hesitantes, como seria natural numa estreia, mas que já anunciavam a futura romancista com o seu caminho traçado como ora se apresenta para nós.

---

<sup>1</sup> **Estradas do Tempo-Foi.** Rio de Janeiro: JCM, 1971

*Estradas do Tempo-Foi*, de ação entretecida com simples sucessos do cotidiano, nada complicada ou extraordinária – a não ser a realidade íntimas das personagens – é um romance da iniciação das raparigas em flor à vida, à vida áspera e impiedosa, como sempre é. O romance é uma deliciosa narrativa da história de moças num internato de freiras, nos momentos que, psicologicamente, os adolescentes vão constituindo-se em definitivo e indicando-nos a feição própria que tomarão mis tarde, quando completamente adultos, com o seu temperamento e sua conduta.

A história de *Estradas do Tempo-Foi* desenrolando-se num internato de colégios. É fácil adivinhar-se que há nela muita lembrança de um tempo já distante e muitos elementos autobiográficos. Aliás o primeiro romance de Lindanor Celina acusara o processo de elaboração inspirada em lembranças, em reminiscências arquivadas na memória, que este *Estradas do Tempo-Foi* não faz mais que confirmar, sendo ela da linhagem dos ficcionistas que na sua própria existência e na dos que os cercam encontram a fonte principal em que dessententam a sua imaginação criadora. Mas, se em *Estradas do Tempo-Foi* há muito de autobiográfico há também uma acurada capacidade de observar as pessoas e uma rara acuidade em penetrar nos mais disfarçados motivos , nas mais escondidas intenções e nas mais evanescentes ou quase inatingíveis mudanças do estado de espírito dos jovens.

O romance oferece uma emocionante paisagem da adolescência, naquele momento da adolescência, naquele momento em que as personalidades começam a afirmar-se e os seres humanos vão tomando uma consciência interior, agitados pela vida exuberante do seu corpo, que os perturba e os desperta para todos os encantos e promessas da idade. Mas, de outra parte, sabemos nós, é nessa idade que os destinos delineiam-se implacavelmente, os caracteres demonstravam-se e o comportamento vai mostrando os seres que já principiavam a ser, entre os episódios felizes ou dolorosos da juventude.

Isso tudo é contado em *Estradas do Tempo-Foi* com uma delicada maneira, cheia de simpatia e de compaixão que denunciam a agridoce evocação de um passado que deve ter marcado indelevelmente a alma e o coração da romancista. E todo o romance é narrado em tom de sedutora intimidade às vezes mesmo confidencial, de quem está revelando certos fatos secretamente guardados de há muito e, agora, confessados com intensa ternura e piedade para com a pobre gente que, ainda tão nova

desprevenida, começa a sentir os primeiros impactos, por vezes cruéis e decepcionantes, da vida, desamparados ante a incompreensão alheia e sem defesas ante a violência dos seus próprios instintos e sentimentos acordados, com suas ânsias, suas angustias e suas inevitáveis exigências que ferem maltratam, mas não exaltam e manifestam, de súbito, prazeres e dores até então ignorados e insuspeitos. E com isso, também a beleza da vida e das coisas e um infinito dom de amar.

**Francisco Paulo Mendes<sup>2</sup>**



### **PREFÁCIO<sup>3</sup>**

Doutorada pela Sorbonne em 1972, é nesse ano e na sua vinda a Portugal – logo após o doutoramento – que eu a contacto pela primeira vez. Mal imaginava, então, que estava diante da grande romancista que se me havia de revelar aquando da leitura do seu romance *Estradas do Tempo-Foi*, que considero uma obra prima.

---

<sup>2</sup> Professor catedrático de Literatura do Instituto de Educação do Pará e do Colégio Estadual Paes de Carvalho. Professor de Literatura Portuguesa e História da Arte no curso de Letras da UFPA. Participou da implantação do embrião da Escola de Teatro e do primeiro curso de especialização em Teoria Literária. Contribuiu com o movimento artístico do Pará. Escreveu artigos, prefácios, mas dizia que sua maior obra era o magistério.

<sup>3</sup> Prefácio da Edição Portuguesa. Lisboa: LIBER, s/d.

Devo o seu conhecimento a Antonio Caetano de Carvalho que, sabendo-me sempre interessado na literatura além-Atlântico, me facilitou a leitura do livro já citado e que tão profundamente me impressionou.

Amiga de Dalcídio Jurandir – o grande romancista paraense – ela o deu em tamanho natural escrevendo *Pranto por Dalcídio Jurandir*, onde se encontram páginas extraordinariamente belas e comoventes. E, no entanto, nenhuma similitude há entre a escritora Lindanor Celina e este Balzac brasileiro. Mas é assim a Amizade.

Voltemos, porém, ao romance de Lindanor Celina.

Não quero falar do proustismo neste regresso da escritora aos mundos-longe da adolescência. De resto, este romance foge a qualquer classificação. Certo é, porém, que Lindanor Celina soube, a partir de sua experiência num internato feminino, construir uma *estória* de rara beleza, sem ocultar, diminuir, disfarçar ou ignorar os problemas. E sem cair num freudismo fácil ou num erotismo de pacotilha. O romance deixa, assim, de ser uma análise banal a um colégio de meninas provincianas para ser um microcosmo em violenta explosão humana, um mundo em movimento apaixonado em que participam tipos humanos verdadeiramente carregados de problemática, uma problemática que salta do caso individual para dar lugar à penetração das relações humanas e do convívio humano. A sua autora é uma personalidade literária tão rica que não lembra ninguém a não ser ela própria.

*Estradas do Tempo-Foi* é um dos melhores romances que li na última década e cuja leitura, sem hesitar, recomendo a todos.

**Amândio César<sup>4</sup>**

---

<sup>4</sup> Amândio César (\*1921 em Arcos de Valdevez/PT † 1987 em Lisboa). Foi poeta, ficcionista, ensaísta e crítico literário português, desenvolveu ainda, em Braga e em Lisboa, a atividade de jornalista comprometido com o Estado Novo. Licenciado em Ciências Histórico-Filosóficas pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, foi professor do ensino técnico. Como ensaísta e crítico literário, dedicou parte da sua atividade à divulgação das literaturas brasileira e africana de expressão portuguesa.